

# Esta Amadora de Outros Tempos

Por *Alves Silva*

## CARENQUE, LOCALIDADE MUITO ANTIGA

O nome de Carenque (antes grafada "Caranque") resulta da sua ribeira, a qual desde tempos imemoriais, é conhecida por Ribeira de Carenque. Não existe no país, salvo opinião diferente, outra localidade com este nome, daí a dificuldade em conseguirmos

dado o nome de Ribeira de Caranque, a qual, por deturpação linguística, viria a resultar em Carenque. Comungamos nesta hipótese, pela riqueza frutífera, como eram as excelentes "rainhas-cláudias" que, antigamente, por cá se produziam, como era o caso da quinta do Choupo ou dos Quintelas, já em Carenque de Baixo.

Algumas pessoas mais antigas, admitiam estar o nome ligado ao peixe "Arenque", palavra depois transformada pelo povo em Carenque, por na ribeira ser pescado antigamente aquela qualidade de peixe.

Não admitimos tal hipótese, pois o arenque vive no litoral dos mares, sendo esse o seu habitat preferido, para além de ser um peixe migrador fazendo percursos consideráveis, o que não seria o caso da ribeira de Carenque, pois a água doce não é a sua preferida, vivendo normalmente nos mares do Norte da Europa.

humano. A antiquidade da localidade pode ser testada pela Necrópole com o mesmo nome (Necrópole de Carenque), descoberta por Manuel Heleno em 1932, a remontar a mais de cinco mil anos, mas as pegadas dos dinossauros, no Monte da Silveira, do outro lado da ribeira, podem levar-nos a mais de cinquenta milhões de anos.

Seja como for, Carenque veio para o território da Amadora em 1979, data da constituição do município amadoreense, desintegrada do de Sintra.

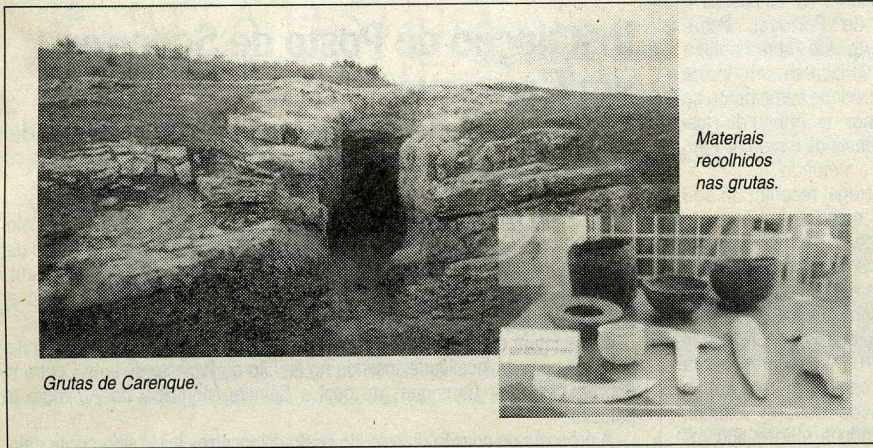
A casa brasonada, muito perto da ponte, pertenceu a um antigo fidalgo, cujo nome não conhecemos, mas o próprio Marquês do Pombal pode muito bem ter alguma coisa a ver com o imóvel, pois o brasão apresenta configurações muito idênticas ao deste primeiro ministro de D. José.

O Aqueduto das Águas Livres segue grande parte de Carenque, da qual saem encanamentos de fontes subsidiárias, como é o caso do aqueduto dos Marianos e também com portas do aqueduto principal e clarabóias. O primeiro chafariz de Carenque, construído em 1836, saiu de um taco de ferro introduzido na cantaria do aqueduto geral, com cinco pias unidas para bebedouro do gado, correndo os sobejos para a ribeira.

Na edição deste jornal, de 19.11.1998, fizemos um pouco da história de Carenque de Cima, localidade, como dizíamos, ainda com vestígios de outros tempos e de outras vidas. Na sua ribeira centrava-se, praticamente, a vivência da população, que era muito pouca nos séculos XVII e XVIII, com azenhas ao longo do seu percurso, bem como moinhos de vento. As serranias deste lugar tinham exuberante vegetação, boa caça, daí ser uma zona eleita para caçadas de nobres e fidalgos, mas também pitorescos panoramas. Teve uma capela de invocação a santo António, já levada pelo progresso.

Voltaremos a Carenque para complementar o que já foi dito, noutra escrito, sobre Carenque de Baixo, já que este é um pequeno apontamento sobre Carenque de Cima.

Ainda neste número falaremos sobre a sua ribeira (abaixo).



saber da sua proveniência. Algumas hipóteses surgem: sendo a palavra primitiva Caranque, e ficando o sítio situado junto da ribeira, a qual fertilizava nas suas margens parte do vale, este era muito farto em ameixas, cuja qualidade era conhecida por Caranque, ou ameixas caranquejeiras. Estas ter-lhe-ão

Fiquemos por aqui quanto à origem da palavra, sem prejuízo de continuarmos a investigar a razão da palavra, pois trata-se de topónimo pouco expressivo.

Carenque foi uma boa terra de água, agricultura, caça e pesca de água doce, estes os ingredientes naturais para o povoamento